



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS GRADUAÇÃO E PESQUISA
COORD. INSTITUCIONAL DE PROGRAMAS ESPECIAIS-CIPE
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES**

SAYONARA CHRISTINE COSTA FIGUEIRÊDO

**DO DRAMA À CENA: O ROMANCE DE LÍNGUA INGLESA TRANSPOSTO NA
SALA DE AULA, UMA QUESTÃO DE *RAZÃO E SENSIBILIDADE***

CAMPINA GRANDE – PB

2014

SAYONARA CHRISTINE COSTA FIGUEIRÊDO

**DO DRAMA À CENA: O ROMANCE DE LÍNGUA INGLESA TRANSPOSTO NA
SALA DE AULA, UMA QUESTÃO DE *RAZÃO E SENSIBILIDADE***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao Programa de Pós-Graduação Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Área de concentração: Literatura e ensino.

Orientador: Prof. Ms. Rafael Francisco Braz

CAMPINA GRANDE – PB

2014

F475d Figueiredo, Sayonara Christine Costa.
Da drama à cena [manuscrito] : o romance de Língua
Inglesa transposto na sala de aula: uma questão de razão e
sensibilidade / Sayonara Christine Costa Figueiredo. - 2014.
26 p. : il. colorido.

Digitado.

Monografia (Especialização em Práticas Pedagógicas
Interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-
Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação a Distância ,
2019.

"Orientação : Prof. Dr. Rafael Francisco Braz ,
Coordenação do Curso de Letras - CEDUC."

1. Jane Austen. 2. Ensino médio. 3. Filme em sala de aula.
4. Romance em Literatura. I. Título

21. ed. CDD 372.64

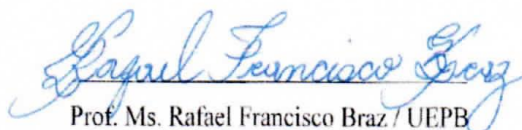
SAYONARA CHRISTINE COSTA FIGUEIRÊDO

DO DRAMA À CENA: O ROMANCE DE LÍNGUA INGLESA TRANSPOSTO NA SALA
DE AULA, UMA QUESTÃO DE *RAZÃO E SENSIBILIDADE*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada
ao Programa de Pós-Graduação Fundamentos
da Educação: Práticas Pedagógicas
Interdisciplinares da Universidade Estadual da
Paraíba, em convênio com Escola de Serviço
Público do Estado da Paraíba, em cumprimento
à exigência para obtenção do grau de
especialista.

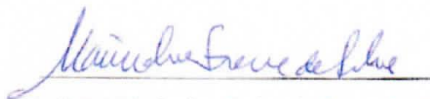
Área de concentração: Literatura e ensino.

Aprovada em 06 de dezembro de 2014.



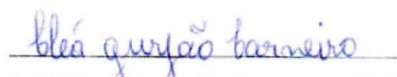
Prof. Ms. Rafael Francisco Braz / UEPB

Orientador



Prof.ª Dr.ª Marinalva Freire da Silva / UEPB

Examinadora



Prof.ª Ms. Cléa Gurjão Carneiro / UEPB

Examinadora

Dedico esse trabalho acadêmico a várias pessoas: primeiramente ao meu esposo, Paulo, por ter se virado em mil e para dar conta da minha ausência no trabalho aos sábados pela manhã;

Aos meus filhos amados, Kevin e Nicolas, por brincarem sozinhos aos sábados para mamãe poder estudar;

Aos meus professores e funcionários, por terem suportado tantas provações no trabalho com um funcionário a mesmos no dia de maior movimento;

Por fim, mas não menos importante, agradeço e dedico esse trabalho acadêmico ao meu bom Pai Celestial que me deu forças para continuar nas horas, as quais eu queria desistir e que achava que este curso não era mais para alguém de minha idade e/ou situação.

AGRADECIMENTOS

Ao professor Prof.º Ms. Rafael Francisco Braz, pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação.

Aos meus pais, Álvaro Figueirêdo e Cristina Costa (ambos *in Memoriam*), por terem investido tanto na educação da minha vida. Espero que vocês se orgulhem muito da filha que vocês criaram com tanta maestria e, embora, não estejam mais aqui pessoalmente para ver, tenho certeza que vocês acompanham a cada passo dessa minha estrada com muito orgulho. Tenho orgulho de vocês!

A minha tia, Fátima Costa (*in memoriam*), por ter investido no meu curso de inglês e por ter me influenciado a chegar aonde eu cheguei. Muito obrigada, tia querida.

Aos professores do curso de Especialização da UEPB, que contribuíram ao longo desses meses, por meio das disciplinas e debates para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade, apoio e alegria. Vocês tornaram os meus sábados, pela manhã, muito mais divertidos.

“[...] Às vezes, somos guiados pelo que dizemos de nós mesmos e com muita frequência pelo que outras pessoas dizem de nós, sem que paramos para refletir e julgar.”

(AUSTEN, Jane. **Razão e Sensibilidade**.
2009, p. 62.)

RESUMO

Este trabalho de conclusão acadêmica tem como objetivo mostrar o trabalho realizado na Escola Estadual Raul Córdula, no segundo ano do Ensino Médio. Os alunos dessa série tinham um contato mínimo e por que não dizer, inexistente, com a literatura clássica Inglesa. Então, por meio de uma obra cinematográfica, os alunos puderam entrar em contato com um dos mais belos romances da época vitoriana Inglesa, a adaptação da obra do período romântico Razão e Sensibilidade, escrito por Jane Austen. A grande maioria dos alunos não tem condições de comprar livros e os clássicos da literatura geralmente são muito difícil de conseguir achar mais facilmente, então a adaptação foi um veículo de aprendizado muito útil. Para muitos, esse seria o único contato que eles teriam em toda a sua vida. A adaptação mostrou que a língua do amor ainda é viva e não importa há quanto tempo essas palavras tenham sido escritas, elas continuam atuais e tocantes para àqueles que têm ouvidos e corações atentos.

PALAVRAS-CHAVE: Filme. Jane Austen. Amor. Ensino Médio.

ABSTRACT

This Academic Final Paper aims to show the work that was made at Raul Córdula Public high School in the second year of High School. The students that study at this grade had a minimum or null contact with the Classical English Literature. The Students were in touch with the most beautiful love sonnets by photocopiable exercises and slides. So, through this movie, the students could be in touch with one of the most beautiful novels during the Victorian times, the adaptation of the novel *Sense and Sensibility*, written by Jane Austen. The cast majority of those students can afford buying books and the classical ones are very difficult to find easily, so, an adaptation was a very good vehicle to make knowledge works. For some students, this could be the only time they would ever have been in touch in their lifetime. The adaptation has shown that the language of love is still alive and that it doesn't matter how old have they been written, they are still touching and alive for those who have sleepless ears and heart.

KEYWORDS: Movie. Jane Austen. Love. High School.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 –	Capa promocional do Filme	21
FIGURA 2 –	As protagonistas e suas características	21
FIGURA 3 –	Marianne sofre e chora na chuva	22
FIGURA 4 –	Marianne é resgatada por Willoughby.....	22
FIGURA 5 –	Willoughby reencontra as irmãs Dashwood em Londres	23
FIGURA 6 –	Edward conversa com Elinor em Londres	23
FIGURA 7 –	Marianne se casa com o Coronel Brandon	24
FIGURA 8 –	Cena final do casamento de Elinor e Edward	24

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	“BATE-PAPO” SOBRE AUSTEN	14
2.1	Breve palavras sobre Jane Austen	14
3	ENVEREDANDO COM JANE AUSTEN NA SALA DE AULA DO ENSINO MÉDIO	16
4	DA TELA À TRAMA COM RAZÃO E SENSIBILIDADE	20
5	CONCLUSÃO	26
	REFERÊNCIAS	27

1 INTRODUÇÃO

Desde que minha mãe teve condições de adquirir um vídeo-cassete, quando eu tinha por volta de 16 anos, eu gostava de assistir aos filmes de amor e romance. Então, meu primeiro contato com a escritora, Jane Austen, iniciou na forma fílmica, assim, ao assistir um atrás do outro: *Razão e Sensibilidade*; *Orgulho e Preconceito*; *Emma*; *Persuasão*.

Ao ingressar na vida acadêmica, na época de minha graduação na UEPB (por volta do ano 2001 mais especificamente) que estudei o Romantismo Inglês - no curso de Literatura Inglesa ministrado pela professora Vitória Lima - fiquei totalmente apaixonada pelos traços leves e pelos diálogos tão bem criados por Austen. Ficava, totalmente, encantada quando a professora Vitória lia os diálogos, com seu inglês britânico aguçado que me fazia quase que literalmente voltar ao tempo e visualizar o que estava sendo lido em 3D.

Portanto, percebi que nas frases do romance eram muito bem construídas e acabadas, continha diálogos reveladores e, particularmente, instigantes. Finalmente, percebi que várias ironias interessantes são criadas a partir do paralelismo entre o romance escrito por Austen no século XIX e as adaptações com auras *hollywoodianas* feitas, especificamente, para entreter e propagar a maestria da literatura romântica mundial.

Romance, traição, riqueza, luxo, decepção, amor e muito mais norteiam os romances da época vitoriana escritos por essa tão notável escritora Inglesa. Na maioria das vezes, o texto literário é considerado superior tanto em relação à crítica escrita quanto em relação às suas adaptações. Mas infelizmente, o texto original não tem tanto acesso a todas as classes sociais de nosso país.

Os alunos simplesmente não leem Jane Austen, mesmo tendo tantas histórias bonitas e interessantes para abordar. Mas o que os impede? O que se constitui obstáculo? Porque eles leem tantos livros de autores mundialmente famosos, mas não leem clássicos aclamados internacionalmente? E a qual constatação me levaria? Verifiquei que muitos alunos não tem dinheiro suficiente para comprar bons livros; como Jane Austen é uma escritora do século XIX, nem todos os adolescentes aos quais leciono, tem contato com seus livros ou com suas obras ou, simplesmente, porque eles não gostam de ler livros literários clássicos, preferem os *best-sellers* da atualidade.

Verificando essa dificuldade existente entre os alunos foi montado um projeto, no qual as aulas expositivas e explanatórias com o intuito de fazê-los entrar em contato com esses clássicos, em especial, com a adaptação da obra à tela, o filme homônimo ao livro *Razão e Sensibilidade*.

Nossa método se deu em três momentos: o primeiro passo, seria a apresentação da autora e de seus clássicos para identificar o que eles conhecem sobre Jane Austen e sobre Literatura romântica inglesa. Num segundo momento, sugiro que seja feita uma leitura vertical flutuante para adequarmos e analisarmos concretamente a compreensão do texto proposto, *Razão e Sensibilidade*, para que os alunos possam ver como eram escritos os livros clássicos na era vitoriana e, por fim, encerraremos o processo assistindo a adaptação da obra à tela para que seja demonstrado como o enredo e o tema abordado são ainda atuais a nossa sociedade.

A metodologia utilizada será analítica/bibliográfica e nossa fundamentação teórica encontra-se embasada em Almeida (1989), Azerêdo (2003 e 2013) e Brait (2010), Zilberman (1989) para os fatores teóricos e já para a adaptação Xavier (2003), utilizamos a obra comandada pelo diretor internacionalmente famoso Ang Lee.

2 “BATE-PAPO” SOBRE AUSTEN

2.1 Breves palavras sobre Jane Austen

Traçar um perfil de uma escritora mundialmente famosa como Jane Austen, é um desafio e, isto, fica inda maior dado o número de livros, dissertações, teses e trabalhos críticos que já foram escritos em torno de sua obra. No entanto, essa abundância crítica, também, por si só, instiga-nos à realizar um estudo bem mais aprofundado de toda sua obra.

Jane Austen foi uma escritora nascida em 16 de dezembro do ano de 1775, na cidade de Steventon, Inglaterra. Provavelmente, sua convivência no contexto de Steventon, observando o dia-a-dia da vida real das pessoas, levou-a à estabelecer um elo muito forte com o realismo evidente daquele período. Ela era a sétima filha do senhor George Austen, considerado um velho tutor na região e da senhora Cassandra, conhecida como Leigh.

Austen veio de uma família grande e tinha no total de oito irmãos, mas de mulheres só havia a própria Jane e a sua venerada irmã Cassandra. Com isso, elas passam a ser muito amigas, trocando sempre informações, observando e fazendo planos para a vida futura, principalmente quando se referiam a casamentos.

Elas não perdiam tempo em imaginarem-se casando com homens bonitos e elegantes, embora, a mãe e o pai quisessem que elas se casassem com homens ricos. Diante desses anseios entre as irmãs é que até os dias de hoje, ainda tem se encontrado cartas e correspondências de Jane Austen e sua irmã Cassandra. E esses assuntos matrimoniais, fruto da grande maioria de seus romances é o que mais prevalecia nessas cartas.

Jane Austen escreveu com muitos detalhes os problemas e riqueza do período em que o seu país estava passando e, assim, surgiu um dos mais belos retratos da Inglaterra do final do século XVII, que descrevia a realidade do novo modo de governar que estava surgindo na sociedade patriarcal. Desta maneira, Jane Austen deixou reflexões em seus escritos que até hoje são estudadas e analisadas.

As palavras de Gordon foram ditas em nosso século, mas encontraram ressonância em toda a Inglaterra vitoriana. Trata-se de uma reflexão notável, esta de que, se não fosse por esta crise dramática na ideologia de meados do séc.XIX, poderíamos não ter hoje tal abundância de estudos analíticos de Jane Austen ou guias de Pound, escritos por blefadores. (EAGLETON, 2003, p. 32).

Jane Austen reconhecia seu papel na sociedade. Ela sabia que na época Vitoriana, a mulher deveria ficar em casa e cuidar o que lhe foi confiado: marido, casa, filhos, etc. Mas ela deve ter ouvido o sussurro camuflado das mães que diziam: “Não te resignes a ser em tua casa

um objeto de luxo. A mulher não nasceu só para o adorno, nasceu para a luta, para o amor e para o triunfo do mundo inteiro!” (ALMEIDA, 1896, p.13)

O romance de Jane Austen era costumava retratar uma classe social rural inglesa, proprietária de terras, mas menos abastada e, por isso, considerada menos nobre que a aristocrata: a chamada “*gentry society*”.

Mas certamente a grandiosidade de Austen não se justifica apenas pelas lições didáticas, ou humanistas, que seus romances possam oferecer, mesmo numa sociedade como a nossa, de início de século e de novo milênio, tão carente de delicadezas e de valores como integridade e respeito. Austen é uma grande escritora pelo uso que faz da linguagem, pela forma como constrói seus diálogos, ou quando inova na utilização do discurso indireto livre, enfim, pela forma como constrói seus romances. (AZEREDO, 2003, p. 25)

Na busca de contribuições de suas heroínas tomando como base a obra *Razão e Sensibilidade* (2009) em busca de colaborações que possam ser relevantes para os alunos ao se depararem com os traços da época vitoriana, bem como incentivar a prática de pesquisa de obras bibliográficas clássicas na área de língua inglesa. É interessante salientar, também, que *Razão e Sensibilidade* (2009) foi o primeiro romance publicado de Jane Austen sob o pseudônimo de *A Lady*.

Vale também salientar que Jane Austen ousou em escrever sobre uma sociedade em que estava inserida. De certa forma, ela provocava, argumentava e até censurava os métodos e costumes da época, mas de acordo com o código literário, era tudo licença poética, o que foi para nós, leitores de faro aguçados e, assim, foi uma valiosa contribuição à literatura e, principalmente, ao estudo de costumes históricos de uma época nebulosa da sociedade britânica.

3 ENVEREDANDO COM JANE AUSTEN NA SALA DE AULA DO ENSINO MÉDIO

Jane Austen, neste trabalho monográfico, foi objeto de pesquisa bibliográfica e de análise extensiva que, atualmente, constituem leituras obrigatórias para os alunos que estão fazendo graduação em Letras com especialização em Língua Inglesa. Mas, o mais notório é que a grande maioria dos alunos chega à universidade – tomando como apenas os alunos de letras, vale salientar - sem sequer conhecer essa tão notável escritora!

À medida que falamos sobre literatura na escola, os alunos comumente não gostam do assunto. Acham chato ou pelo menos acham muito distante do que eles idealizam como sendo um livro de leitura aprazível. Há uma grande distância que separa Jane Austen dos alunos da Escola pública brasileira e essa distância não é só no sentido espacial, mas também, no sentido temporal, séculos nos separam e, principalmente, sociocultural.

Podemos nos indagar: mas será que essa distância constitui-se mesmo em um empecilho para que os alunos possam ler as suas obras? A resposta pra essa pergunta é: nem tanto. O principal problema é que aqui no Estado da Paraíba, nas aulas de língua inglesa no segundo ano do ensino Médio da escola pública; ano em que os alunos veem literatura de período romântico; restringem-se, apenas, a uma aula por semana, então é inviável lermos literatura em 45 minutos de aula/semana sem computar que temos textos pra traduzir, exercícios de vocabulário pra fazer, redação pra corrigir, etc. e, por isso, a introdução das adaptações em sala de aula.

Então o que fazer? Percebemos que a obra de Jane Austen leva os leitores a tomarem gosto pela leitura e remete a uma alusão mimética das histórias vividas pela autora. Sabemos que segundo Zilberman (1989), uma obra literária só se torna modificadora de opiniões e ativa, após sua circulação em meio social:

A literatura participa ativamente desse mecanismo, pois tem papel formador; portanto, pode-se, a partir dela, reconstituir o conhecimento coletivo, o saber circulante, responsável pela significação e relevância das ideias e atitudes no conjunto das atividades sociais. (ZILBERMAN, 1989, p. 106).

Uma solução para esse impasse é apresentar os textos da autora à luz da grande tela. Obras que foram adaptadas do livro ao cinema e que em sua grande maioria apresenta atores e atrizes mundialmente famosos, como é o caso do ator Hugh Grant que protagoniza Edward Ferrars no clássico *Razão e Sensibilidade* e Emma Thompson que se passa por seu grande amor Elinor Dashwood. Kate Winslet, que se passa por sua irmã apaixonada e cheia de emoção, Elizabeth Dashwood. Jane Austen caracterizou, especialmente, as suas personagens efetivando a seguinte citação:

Tomando como medida o romance moderno, empenhado cada vez mais em distanciar a personagem dos esquemas fixos que delimitam o ser fictício, teremos que admitir que esse recurso ajuda a multiplicar a complexidade da personagem e da escrita que lhe dá existência. Mas não é uma receita para a construção de personagens mais densas: tudo, como sempre vai depender da perícia do escritor, de sua capacidade de selecionar e combinar os elementos que participam da arquitetura da personagem. (BRAIT, 2010, p. 61).

Ainda que faça importância em lembrar que muitos momentos de Jane Austen as personagens possuem comportamentos além das possibilidades reais para as mulheres no século XIX. Mesmo com todas as dificuldades e limites colocados às mulheres, era possível a elas escrever, expressar suas ideias e criticar as duras regras da sociedade em que viviam. Por isso, a obra de Austen transpassou o limite dos séculos e se torna tão atual ao século XXI.

Os vários livros editados pelas universidades são, geralmente, dirigidos a um público alvo mais sofisticado, acostumado com um vocabulário de/para pesquisa. Então, a maioria dos professores citam a importância do ensino das habilidades orais, além da escrita e da leitura e o desejo por uma prática de ensino mais inovadora.

É necessário apresentar, sistematicamente, o aluno grande quantidade de vocabulário então é, por isso, que o filme é visto, também, como uma boa opção de estudo, pois, segundo Lewis (1993) a aprendizagem resulta de uma relação contínua e simbiótica entre experiência, reflexão sobre essa experiência e finalmente, sua internalização. Como debatido anteriormente, não temos tempo hábil o suficiente para que seja feita essa internalização, pois sabemos que não é possível aprendermos uma palavra tendo-a visto apenas uma vez.

As palavras não funcionam isoladamente, mas sim em combinação com outras palavras. Mais uma vez, não teríamos tempo pra fazer essa internalização. Então, o objetivo do ensino da língua inglesa, também, deveria ser de apresentar a literatura em sala de aula e não só preparar o aluno para o ENEM, nem fluência verbal nem acuidade, visto que esse exame trabalha com a interculturalidade textual, ou seja, a relação de um texto com o outro.

É do senso comum, afirmar que a literatura escrita é libertadora, é uma forma de nos deixar livres, de imaginar os personagens, conformes descritos pelos autores, mas a nossa imaginação faz com que agucemos algumas características mais que outras. Já que quando assistimos a uma adaptação de uma obra, o que também é conhecido como “ordem do olhar”, observamos que o olhar do cinema é único, diferente da obra.

Nós deixamos de imaginar como ele deveria ser e passamos, então, a vê-lo como o diretor do longa-metragem imaginou e idealizou esse mesmo personagem para nós. Para ilustrar esse fato, podemos tomar como exemplo a atriz Julia Roberts que sempre será “*pretty woman*” mesmo com a transculturalidade em *Espelho, Espelho Meu*, o sorriso dela, que nessa

obra era representado por uma bruxa, sempre será de uma linda mulher. É, por isso, que às vezes, nós assistimos a um filme e dizemos que o livro é bem melhor, pois na grande maioria das vezes, o que nós idealizamos de uma personagem não foi caracterizado em cena.

Os personagens da obra têm uma grande importância para a cena englobante. Ao focar a obra *Razão e Sensibilidade* (2009) com os alunos, temos a responsabilidade de ressaltar as características emocionais das personagens principais, assim, afirma a pesquisadora Azeredo (2013, p. 21) “[...] a relevância do personagem para a literatura é tão essencial que inúmeras obras literárias são intituladas com os nomes dos protagonistas ou referência aos mesmo. Citamos apenas alguns: Hamlet, Iracema, Helena etc.[...]”

Sabemos que as adaptações de clássicos ocorrem devido a vários motivos: a-) maior fidelização da obra; b-) aprimoramento de encenação; c-) priorização da cinematografia; d-) consciência da boa aceitação da obra para a tela; e-) certeza de uma grande audiência, entre outras. E Jane Austen foi muito retratada deixando-a mais famosa e esta popularidade foi resultado também das adaptações de seus romances para a televisão e cinema a partir dos anos 70. Greenfield (TROOST e GRIENFIELD, 2001, p. 2) declara que a tecnologia e o trabalho de marketing dessas leituras para outras mídias muito contribuem para a popularização da autora.

As adaptações de época geralmente procuram recriar o que se consideram ser a Inglaterra pré-vitoriana de Austen, feita através dos mínimos detalhes e setting e tudo o que contribui para a construção da mise-en-scène em geral, como mobília, tecidos, quadros, louça. Tudo é minuciosamente considerado de maneira a dar a ilusão de autenticidade da época. (AZEREDO, 2003, p. 77)

Então, diante desse envolvimento entre o leitor e a obra é de se esperar que os romances, desde o surgimento dos clássicos, até as histórias de heróis e heroínas que acabam morrendo na trama em prol do amor, passem a conquistar um espaço cada vez maior em meio aos demais livros literários.

As adaptações modernas têm como alvo deixar a obra mais atual, mais fácil de ser “lida” por um público jovem que na grande maioria das vezes não tem dinheiro nem condições socioeconômicas de possuir vários exemplares literários. Dessa forma, o filme serve para atualizar e unir esse jovem à obra-prima em destaque. Lembremos o argumento de Higson na obra *“The Heritage Film and The British Cinema”*

Ang Lee fez uma adaptação segura e fiel da Obra de Austen. As performances e o comprometimento do elenco foram uma grande diferencial. Se observarmos as críticas ao filme e vemos que Emma Thompson foi considerada imprópria para o papel de Elinor Dashwood por ser muito mais velha que a jovem era de acordo com o narrado pela escritora,

mas mesmo assim, tanto Thompson, no papel da doce e sensata Elinor, quanto sua irmã no filme, Kate Winslet a doce e sensível, Marianne Dashwood, foram indicadas ao Oscar por suas atuações na obra. O filme foi merecidamente aclamado, louvado como uma obra prima e em geral é considerado uma adaptação relativamente fiel do romance de Austen.

4 DA TELA À TRAMA COM RAZÃO E SENSIBILIDADE

Como já foi exposto anteriormente, a adaptação das mais variadas obras literárias serve para popularizar e atingir um número maior de pessoas que, de certa forma, não eram atingidas pela literatura escrita. Sendo assim, o romance transposto às telas grandes atinge um número cada vez maior de amantes da sétima arte que por falta de tempo ou de interesse mesmo, não conseguia ler o livro em questão.

Uma das primeiras diferenças entre o texto televisivo e o texto literário é a ordem temporal. No texto televisivo, os fatos se desenrolam mais rapidamente do que no texto literário. Logo, é natural que faltem, na obra televisiva e alguns dados que estão presentes na obra literária.

Alguns diretores e roteiristas tem que condensar a obra original, pois um romance geralmente tem muitos detalhes e no filme, usualmente, só é filmado fatos relevantes ao entendimento da trama.

Então a obra televisiva conta com a seguinte ficha técnica.

FICHA TÉCNICA

Direção: Ang Lee

Roteiro:

Personagens: Edward Ferrars (Hugh Grant); personagem principal e irmão de Fanny.

Elinor Dashwood (Emma Thompson); personagem feminina dotada de muita razão e sensatez. Irmã de Elizabeth Dashwood.

Elizabeth Dashwood (Kate Winslet); irmã de Elinor Dashwood e personagem que traduz a parte sensível e dramática a trama.

Figura 1: Capa da obra televisiva baseada na obra literária homônima.



Fonte: google.com.br (2014, com adaptações).

A adaptação do roteiro se passa logo após a morte do pai das moças solteiras, o Sr. Dashwood, e como naquela sociedade, quem herdava a herança total de uma família, era o primogênito do sexo masculino, elas são obrigadas a se mudarem para uma região mais distante e a viverem em um chalé, já que o Sr. John Dashwood Jr, meio irmão das moças, se muda com a família para a casa recém-herdada que anteriormente pertencia a elas.

O enredo se desenrola, quando acontece uma ligação amorosa entre as personagens, pois acontece, obviamente, também um conflito de interesses, pois, elas não são moças ricas e precisam se casar bem para não passarem a vida inteira na miséria, conforme Figura 2

Figura 2: As expressões faciais das irmãs-protagonistas, Marianne (a sensibilidade em pessoa) e Elinor (a razão personificada) pode ser facilmente identificada na figura acima.



Fonte: Imagem Print do DVD (1995, com adaptações).

Cansada de ser mal interpretada e de ter decepções na vida, Marianne faz uma caminhada pelo campo onde mora, mas é surpreendida de súbito por uma chuva torrencial, conforme Figura 3

Figura 3: Marianne sofre e chora na chuva.



Fonte: Imagem Print do DVD (1995, com adaptações).

Logo, depois de ser surpreendida pela chuva, Marianne, escorrega e se machuca na colina. Devido ao seu desespero emocional, ela fica totalmente desorientada e precisa ser resgatada para poder voltar para casa, conforme Figura 4

Figura 4: Na cena acima Marianne é resgatada por um vizinho desconhecido até então, Willoughby, que se tornará seu maior objeto de adoração de sensibilidade.



Fonte: Imagem Print do DVD (1995, com adaptações).

Marianne se apaixona loucamente por Willoughby e sofre, desesperadamente, quando ele tem que partir sem dar explicações razoáveis. Então, após meses de sofrimento, As duas irmãs Dashwood são convidadas a participarem de uma festa em Londres, o que as deixam

eufóricas, visto que elas moram no campo e muito distante do burburinho da cidade, mas ao chegarem à festa, Marianne se decepciona muito pois Willoughby a cumprimenta friamente, conforme Figura 5

Figura 5: Nesta cena acima, Willoughby acabou de encontrar as irmãs Dashwood na festa e está explicando a Elinor que ele agora está noivo de uma moça dotada de muitos dotes, o que o deixa feliz, pois ele não é um homem trabalhador.



Fonte: Imagem Print do DVD (1995, com adaptações).

A trama então se desenvolve com muita mestria e beleza. Uma verdadeira obra de arte cinematográfica. Não é a toa que a produção ganhou um Oscar de melhor roteiro adaptado e teve inúmeras indicações. A película, também, recebeu um Globo de Ouro pelo melhor filme e melhor roteiro e para encerrar, foi premiado no Festival de Berlim com o troféu Urso de Ouro, conforme Figura 6

Figura 6: Nesta cena, Edward vai conversar com Elinor. Ela acha que ele está noivo de outra moça e, portanto, ela o trata friamente.



Fonte: Imagem Print do DVD (1995, com adaptações).

Conforme já era esperado de um livro do período romântico Inglês, as duas irmãs terminam se casando e sendo felizes, conforme Figura 7 e Figura 8

Figura 7: Após se decepcionar com Willoughby, Marianne se casa com o Coronel Brandon.



Fonte: Imagem Print do DVD (1995, com adaptações).

Figura 8: Elinor, que esperou pacientemente durante o desenrolar do romance, casa-se com seu primeiro e único amor, Edward Ferrars.



Fonte: Imagem Print do DVD (1995, com adaptações).

A figura da mulher foi amplamente representada tanto no filme quanto no romance de Jane Austen, logo, as personagens femininas são muito robustas e marcantes. A personalidade de cada uma delas revela uma característica escondida e, talvez, apresentada à sociedade em geral, como características inerentes a figura feminina. Por isso, tanto na obra quanto no romance ambas irmãs estão, primorosamente, representadas.

A interação entre as mídias tornou mais difícil recusar o direito do cineasta à interpretação livre do romance ou peça de teatro, e admite-se até que ele pode inverter determinados efeitos, propor outra forma de entender certas passagens, alterar a hierarquia dos valores e redefinir o sentido da experiência das personagens. (XAVIER, 2003, p. 61-62)

5 CONCLUSÕES

Apostamos que é muito mais fácil para um aluno ter contato com a obra de literatura clássica Inglesa em forma de filme, do que em forma de livro, visto os fatores citados anteriormente. E ao analisarmos esse estudo, concluímos que se torna muito mais interessante colocar o aluno em contato com a obra em forma televisiva, pois os mesmo sentem que há um incentivo a mais.

À medida que eles conhecem a Obra de Austen, Razão e Sensibilidade, eles podem se identificar com alguma das personagens principais, (e por que não dizer ambos?) e a partir deste momento, os alunos podem procurar entrar em contato com a obra original, ou seja, o livro. Os alunos que esperam personagens intensos, se encantam com as pessoas/personagens descritas por Austen e retratadas por Ang Lee.

A sensação final é que Razão e Sensibilidade é uma obra em que se precisa mergulhar para entender todo o contexto da escritora e por conseguinte, dos mistérios e encantos da época Vitoriana da Inglaterra do início do século XIX.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Júlia Lopes de. **Livro das noivas**. 2.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1896.

AUSTEN, Jane. **Orgulho e Preconceito**. Tradução de Lúcio Cardoso – 2ª Ed.- Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

_____. **Razão e Sensibilidade**. Tradução de Roberto Leal Ferreira – 2ª Ed.- São Paulo: Martin Claret, 2009.

AZEREDO, Genilda. **Jane Austen, Compreensão e Ironia: Uma introdução**. João Pessoa: Ed. Manufatura, 2003.

_____. **Para Celebrar Jane Austen: Diálogos entre Literatura e Cinema**. Curitiba: Appris, 2013.

BRAIT, Beth. *A personagem*. 7ª Edição – São Paulo-SP: Ática, 2010.

HIGSON, Andrew. *The Heritage Film and The British Cinema*. In Higson, Andrew. (ed) **Dissolving Views: key Writings in British Cinema**. London, Cassel, 1996. 232-48.

RAZÃO e Sensibilidade [*Sense and Sensibility*]. Produzido por Columbia Pictures. Dirigido por Ang Lee. 1995. DVD 1. 136 min.

TROOST, Linda e GREENFIELD, Sayre. (eds.) **Jane Austen in Hollywood**. The University Press of Kentucky. 2001:1-12; 140-147.

XAVIER, Ismail. *Da Tela ao Cinema*. In: **Literatura, cinema e televisão**. (Org.). Pelegrini, Tânia. São Paulo: Record, 2003 :115-116.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo: Ática, 1989.